

**NO VAGÃO DA MEMÓRIA:  
TRAJETÓRIAS DE UM INTELLECTUAL NA FESTA DO CENTENÁRIO DA  
INDEPENDÊNCIA EM BELÉM (1922)**

**IN THE WAGON OF MEMORY:  
TRAJECTORIES OF AN INTELLECTUAL AT THE CENTENNIAL PARTY OF  
INDEPENDENCE IN BELÉM (1922)**

**EN EL VAGÓN DE LA MEMORIA:  
TRAYECTORIAS DE UN INTELLECTUAL EN LA FIESTA DEL CENTENARIO DE  
LA INDEPENDENCIA EN BELÉM (1922)**

Robson Wander Costa Lopes<sup>1</sup>

**Resumo**

*Este trabalho propõe aprofundar o conhecimento sobre João de Palma Muniz enquanto historiador que tematizou a Adesão do Pará à Independência do Brasil, buscando observar o conjunto de sua obra e delineando o contexto sócio-histórico que inspirou sua produção intelectual na década de 1920, em Belém do Pará. A elaboração do “retrato” do intelectual se baseou nos indícios das notas jornalísticas, encontrando nos vestígios de suas práticas elementos para a composição da personagem histórica, sempre atenta à tênue fronteira entre o discurso e a realidade. A metodologia para esta apresentação estruturou-se no tipo textual narrativo do conto enquanto gênero literário, desenvolvendo a trama no dia 7 de setembro de 1922, por ocasião do centenário da Independência do Brasil, no contexto da Primeira República. Memórias, ideias e opiniões foram parafraseadas às práticas do personagem. O engenheiro e historiador deu voz à história através de sua pena e de seu empenho entre arquivos e documentos, buscando demonstrar um nativismo regional, na composição da identidade de uma nação moderna, civilizada e evoluída.*

**Palavras-Chave:** Intelectual. Palma Muniz. Centenário da Independência. História do Pará.

**Abstract**

This work proposes to deepen the knowledge about João de Palma Muniz. A historian who thematized the Accession of Pará to the Independence of Brazil, seeking to observe the set of his work and outlining the socio-historical context that inspired his intellectual production in the 1920s, in Belém do Pará. The elaboration of the “portrait” of the intellectual was based on the evidence of journalistic notes, finding in the vestiges of his practices elements for the composition of the historical character, always attentive to the tenuous border between discourse and reality. The methodology for this presentation was structured in the narrative textual type of the short story as a literary genre, developing the plot on September 7, 1922, on the occasion of the centenary of the Independence of Brazil, in the context of the First Republic. Memories, ideas and opinions were paraphrased to the practices of the historical character. The engineer and historian gave a voice to history through his pen and his effort between files and documents, seeking to demonstrate a regional nativism, in the composition of the identity of a modern, civilized and evolved nation.

**Keywords:** Intellectual. Palma Muniz. Centenary of Independence. History of Pará.

<sup>1</sup> Discente do PPHIST-UFPA (Doutorado). Professor de Filosofia do IFPA. Sócio Efetivo do IHGP, Cadeira Nº 51- Eduardo Galvão.

## Resumen

Este trabajo se propone profundizar el conocimiento sobre João de Palma Muniz como historiador que tematizó la Adhesión de Pará a la Independencia de Brasil, buscando observar el conjunto de su obra y delinear el contexto sociohistórico que inspiró su producción intelectual en la década de 1920, en Belém do Pará. La elaboración del “retrato” del intelectual se basó en la evidencia de notas periodísticas, encontrando en los vestigios de sus prácticas elementos para la composición del personaje histórico, siempre atento a la tenue frontera entre discurso y realidad. La metodología para esta presentación se estructuró en el tipo textual narrativo del cuento como género literario, desarrollando la trama el 7 de septiembre de 1922, con motivo del centenario de la Independencia de Brasil, en el contexto de la Primera República. Recuerdos, ideas y opiniones fueron parafraseadas a las prácticas del personaje. El ingeniero e historiador dio voz a la historia a través de su pluma y su esfuerzo entre archivos y documentos, buscando evidenciar un nativismo regional, en la composición de la identidad de una nación moderna, civilizada y evolucionada.

**Palabras clave:** Intelectual. Palma Muñiz. Centenario de la Independencia. Historia de Pará.

## INTRODUÇÃO

O nosso “ritual de passagem”, da Filosofia às Ciências Sociais e dessas à História, constituiu-se de perdas e ganhos metodológicos marcados, especialmente, pela disciplina Teoria e Metodologia da História, ministrada pelo Professor Dr. José Alves de Souza Junior no Curso de Pós-Graduação em História – UFPA, em 2020; e pelo Seminário de Linha de Pesquisa I - Arte, Cultura, Religião e Linguagens, do mesmo programa e curso, em 2021, disciplina ministrada pelo Professor Dr. Aldrin Moura de Figueiredo, durante a qual pudemos contar, além das insistentes assertivas do Professor titular da disciplina, enquanto orientador, também com “as dicas” da Professora Dr.<sup>a</sup> Magda Ricciem sua coadjuvação na mesma disciplina, numa atividade avaliativa, através do *Google Meet*, onde nos fez perceber da necessidade em despir o projeto das armaduras teóricas e o recompor, de fato, a partir do estudo das fontes, na reconfiguração do objeto que naquele momento tornava-se mais nebuloso que nunca.

A retomada às fontes, em plena pandemia do Novo Coronavírus, em 2020 e 2021, obrigou-nos utilizar das ferramentas *online*, virtuais, pesquisando hemerotecas de arquivos e bibliotecas digitais. Assim, dentre as fontes que nos começaram a emergir como elementos na recomposição do objeto da pesquisa, compreendemos que, afora os textos dos intelectuais que tematizaram a “Adesão do Pará”, os periódicos “Estado do Pará”, “A Província do Pará” e “Folha do Norte” constituíam-se fontes importantes no processo da nova delimitação, ajudando-nos no desfazimento das teorias, passando a debelar as práticas dos sujeitos históricos.

Infelizmente, desses três periódicos, considerando o recorte temporal de 1900 a 1923, apenas o Estado do Pará encontra-se disponibilizado na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital (HBND) de 1911 a 1921, os outros dois anos subsequentes e os outros dois periódicos, estão disponibilizados em microfilmagens na Hemeroteca da Biblioteca Arthur Viana da Fundação Cultural do Pará, no CENTUR, em Belém. Impuseram-se as visitas e o manuseio físico-presencial dos arquivos, que, aliás, precisam de muito mais incursões da nossa parte. Justificamos, dessa maneira, o uso quase exclusivo do jornal “Estado do Pará” como fonte, que,

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

todavia, parece-nos suficiente para esta célere apresentação, uma pequena parte da pesquisa que se vai constituindo bem maior.

O exercício do fazer historiográfico nos trouxe até aqui nas veredas de um “tema extremamente icônico”, a efeméride do primeiro centenário da Adesão do Pará à Independência do Brasil, tema que precisava crivar as nuances discursivas do dito e do silenciado pelo historiador que recontava os fatos num diálogo entre o seu presente e o seu passado, como bem provocava a Professora Magda Ricci em sala de aula. Desse modo, com base na pesquisa e na reconfiguração do objeto, verificamos a necessidade de analisar mais de perto os textos de intelectuais que publicaram em periódicos e livros, temas sobre a “Independência” e a “Adesão”. Na peneiração destacou-se João de Palma Muniz que impressiona pelo volume de textos e publicações que sem demora vão despontando nos diversos periódicos, especialmente entre 1917 e 1927. Assim, fez-se imperioso o trabalho de uma leitura analítica de alguns textos desse autor, dentre eles, “O Pará e a Independência” (MUNIZ, 1922a); “Adesão do Grão-Pará à Independência” (MUNIZ, 1923a); “Apontamentos biográficos de alguns vultos [personagens] que figuraram no período histórico de 1821-1823” (MUNIZ, 1923b); “Adesão de Maracanã à Independência” (MUNIZ, 1923c); e “Grenfell na história do Pará-1823-1824” (MUNIZ, 1927). Desses textos, “Adesão do Grão-Pará à Independência”, republicado em 1973 (MUNIZ, 1973), é, sem dúvida, a “obra capital” do historiador (RÊGO, 1973), a despeito de “flagrantes limitações no que concerne à recolha das fontes” (COELHO, 1993, p.23).

Interessou-nos verificar, então, o ideário ao qual estaria vinculado Palma Muniz, observando suas conversações e intertextualidades na produção de “suas ideias” acerca da tematização que remonta a linha que o seu pensamento se inscreve ou contradiz (DARNTON, 1990). Mas, para compreender suas ideias, percebemos a necessidade de conhecermos o autor mais de perto, de compreendermos minimamente o conjunto de sua obra e o contexto histórico no qual ele produziu seus textos. Nesse sentido, pusemo-nos a interrogar as evidências da sociabilidade diversificada e da amplitude da produção de Palma Muniz, o que por sua vez nos exigiu que nos detivéssemos com mais acuidade sobre os indícios que nos fornecessem informações acerca de quem foi Palma Muniz e o que o teria provocado com tamanha fluência textual a sua abordagem sobre a “adesão do Grão-Pará à Independência”, pela ocasião do primeiro centenário das efemérides da Independência, em 1922 e a da Adesão, 1923.

Portanto, a proposta deste trabalho é simplesmente aprofundar o conhecimento sobre o autor, avançar no estudo do conjunto de sua obra e delinear o contexto sócio-histórico que o permitiu produzir o que produziu sobre Independência e Adesão do Pará à Independência. É apenas a antessala do que realmente nos propomos fazer mais adiante, em um novo trabalho, ou seja, compreender e interpretar sua obra capital “A adesão do Pará à Independência” enquanto discurso. Por ora cabe analisar seu autor e seu contexto. Nesse sentido, importa destacar que

[...] ‘os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais’. Ditos, pretensamente ingênuos, fazem mais do que simplesmente dispor sobre o óbvio; muitas vezes anunciam tendências ou expõem, de forma sintética, sentimentos e expectativas. (SCHWARCZ, 2001, p. 7).

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

Como já dissemos com outras palavras, a proposta deste trabalho procura conhecer o autor através dos registros do seu tempo. As ideias de Palma Muniz expostas nos seus textos publicados em relatórios, periódico e livros, ou nos indícios encontrados nas minúsculas notas dos jornais, compunham um “retrato” do “engenheiro-historiador” (MORAES, 2009, *passim*). Uma imagem configurada com base em suas práticas. Assim, encontramos, não somente a “fotografia” de um vulto histórico, mas a pessoa de Palma Muniz na história através de alguns registros de sua trajetória, entre o discurso e a realidade, enquanto duas posições do real, porque

[...] a situação da historiografia faz surgir a interrogação sobre o real em duas posições bem diferentes do procedimento científico: o real enquanto é o conhecido [...] e o real enquanto implicado pela operação científica [...] primeiro [...] se interroga sobre o que é pensável e sobre as condições de compreensão; [segundo] pretende encontrar o vivido, exumado graças a um conhecimento do passado. [...] Entre estas duas formas existem tensões, mas não oposição. Pois o historiador está numa posição instável. [...] O discurso destinado a dizer o outro permanece seu discurso e o espelho de sua operação. (CERTEAU, 1982, p. 45-46).

Com isso, Michel de Certeau está propondo que o passado e o presente dialogam incessantemente na História, ou melhor, que o objeto que se delimita no passado presentifica-se pelas práticas da história a cada vez que se propõe dar vida ao que parecia estar morto, desaparecido, silenciado. Há uma necessidade de “unir o estudo dos mortos ao dos vivos” (BLOCH, 2001, p. 67). Uma fronteira tênue de uma sociedade que postula seu passado sabendo-se dele distinta, renovando-o a cada vez que a ele, o passado, retorna. De fato, cada vez que um historiador remonta a existência de Palma Muniz, o “engenheiro-historiador” não será o mesmo no presente das práticas daquele historiador, todavia, não será diferente enquanto objeto que ficou no passado. O que também vale para analisar a história produzida por Palma Muniz que, por sua vez, buscou presentificar o passado de um século antes dele.

O *modus operandi* do presente intento é a narrativa. Observamos que a estrutura do conto enquanto gênero narrativo, unívoco e univalente, com suas características de relato de um enredo, situado num tempo, num lugar e numa ação (MOISÉS, 1994, p. 19-44), adequava-se para dizer “quem era e o que fazia” Palma Muniz, em 1922, de modo a não tornar pedante o tratamento das fontes. A trama “inventada” toma por base os “rastros” (RICOEUR, 2007, p. 185) de práticas de Palma Muniz, superpostos num trajeto ficcional que acontece no dia 7 de setembro de 1922, centenário da Independência no contexto das preocupações políticas da Primeira República. Com o nosso personagem locomovendo-se de bonde elétrico ou de automóvel particular pelas ruas de Belém - PA, envolto às celebrações do dia da Independência, apresentamos algumas das suas opiniões e ideias, verificando sobretudo os vestígios de suas práticas imortalizadas nos jornais de seu próprio tempo. Assim, parafraseando Davis (1987, p. 21) o que aqui é, em parte, uma invenção nossa, é também a tentativa de ser “uma invenção construída pela atenta escuta das vozes do passado”.

### **UM DIA AGITADO ENTRE TROAR DE CANHÕES E SOAR DE SIRENES**

O que o fez despertar às seis horas da manhã não foram os repiques de sinos da igreja de Nazareth, pois deles já estava acostumado. Sem medo da dúvida, foram os tiros de morteiros. Troar de canhões que chegavam de diversas direções, atravessavam a cidade, vindos da parte mais antiga da Belém tricentenária. Decerto, a origem dos estrondos eram quartéis e clubes que anunciaram ontem, dia 6, homenagens pela grande festa de hoje, dia 7 (O ASPECTO, 1922). Sua sonolência bocejante, consequência de uma noite de labuta intelectual o fez avançar nas teses, propostas por ele mesmo aos colegas do Instituto Histórico, sob o título “Adesão do Grão-Pará à Independência” (BRAGA RIBEIRO, 1921). Uma entre outras trinta, exceto por duas delas, que haviam sido propostas pelos consócios Luiz Lobo e Américo Campos. Mais tarde, à noite, no Theatro da Paz, a proposta das trinta teses seria apresentada como desafio a quem com sua pena se habilitasse. João tinha um gosto especial por efemérides, sobretudo, as festas patrióticas. Por isso trabalhou à noite madrugadora adentro na tese, cuja prévia estava no prelo a ser publicada no jornal Folha do Norte no dia seguinte (MUNIZ, 1922a).

Ainda deitado, com olhos semiabertos, tinha ciência que a noite havia sido mal dormida, mas sua mente, sem dúvida, havia sido alimentada por volumosa documentação, sob orientação *évènementielle* (COELHO, 1987, p. 22)<sup>2</sup>, levantada no Arquivo Público, seu campo de batalha pelas provas necessárias para as pelezas republicanas do início do século (RICCI, 2014, p. 19) fazendo-o perder noites de sono, porque sua missão, determinada pelo Governador, deveria ir além do recolhimento documental, verificando as implicações políticas dessa massa de documentos (TORIL, 2016, p. 46. 87-88).

Transpassando o limiar onírico, João apercebia-se lentamente do dia que se levantava festivo e ruidoso. Dia auriverde, por certo, com o sol dissipando as últimas penumbras da aurora, penetrando os túneis verdejantes das mangueiras nas largas avenidas. Fragorosa alvorada de homenagens por toda a cidade, marcando o patriótico 7 de setembro de 1922. Dia da Independência Nacional. Dia de “esplendoroso civismo” (O CENTENÁRIO, 1922a). João interrompeu a visão imaginária do dia, dando vez à períclope de Machado em Esaú e Jacó: “Não. A discórdia não é tão feia como se pinta” (ASSIS, [1904] 2016, p. 84). A discórdia entre Pedro, o tradicional imperialista e Paulo, o altivo republicano, não era sempre divergente, algumas vezes também convergiam. João deu de ombros, e numa opinião em circunlóquio, lembrou-se de Aires na moderação das discórdias dos gêmeos e dos regimes: “Nada se mudaria; o regime, sim, era possível, mas também se muda de roupa sem trocar de pele [...] tudo voltaria ao que era na véspera, menos a

---

<sup>2</sup> Geraldo Mártires Coelho está levantando crítica endereçada aos historiadores positivistas que entendem a história num tempo “breve”, como uma crônica de acontecimentos (*histoire évènementielle*) e não consideram a “categoria de duração” (BLOCH, 2001, p. 55) proposta pela Escola dos Annales enquanto história social que se estabelece num *continuum* de “perpétua mudança”. Todavia, importa observar que a obra de Palma Muniz (1923a) é contemporânea e concomitante à História Nova, com a fundação da Revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* em 1929/30, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, distanciando-se da “história dos acontecimentos” inaugurando-se a “história das mentalidades”, por Lucien Febvre, enquanto Marc Bloch iniciava uma “história social”. (LE GOFF, 2001, p. 15; NOIRIEL et al, 2022). Resta saber, entretanto, se Palma Muniz teve acesso ao material subsidiário da Escola Nova, e, se teve, se escolheu não o referenciar em sua pesquisa.

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

constituição” (Id. Ibid., p. 147; STARLING, 2019, p. 194). Pois, sim, “o importante é evoluir no tempo sem sangue”, concluía João.

Afinal, era um dia que não se deveria remoer distinções entre o Império decaído e a República surgente, mas, suplantar-se as divergências, se ainda houvesse alguma. “Tarefa para engenheiros, advogados, médicos e historiadores”, pensava consigo. “É preciso reafirmar heróis comuns para os dois regimes, como um Pedro de Alcântara; como um Bonifácio de Andrada; como um Tiradentes”. A despeito de José Veríssimo ([1894] 1971, p. 238) que entendia as evoluções como consequências de atos coletivos, inconscientes e anônimos, João, por sua vez, via lucidez, coragem e heroísmo, por exemplo, em um Grenfell (MUNIZ, 1927), mesmo sendo estrangeiro. Mas, sobretudo um Felipe Patroni que em seu nativismo aflorado, insuflou ideais constitucionalistas entre os “primeiros pioneiros das ideias de independência”. Para João, Patroni indiscutivelmente personificara o sacrifício do povo paraense. “Quem pensou ser o grande, ilustre e ‘injusto’ historiador Pereira da Silva, com sua ‘deprimente inverdade histórica’ insinuando covardia dos paraenses?!” (MUNIZ, 1923a, p. 325 e 332)<sup>3</sup>, bodejava João consigo mesmo. E finalizava o monólogo hiperurânico: “... se não fosse Patroni e outros corajosos paraenses, não se tinha hoje, uma Belém republicana e evoluída, uma Amazônia rica e um Brasil em sua grandeza varonil.”

O progresso, para João, naturalmente se fazia pela luz republicana. Lembrou-se dos seus 16 anos de idade, em 1889, quando homens da política em Belém, sabendo da vitória republicana no Rio de Janeiro, resolveram tomar conta do Governo da província proclamando a adesão do Pará à República, dentre eles, alguns vultos conhecidos como Justo Chermont, Paes de Carvalho, João Maciel da Costa, Arthur Índio do Brasil, José Maria do Nascimento, Bento José F. Junior, Marques de Carvalho (CRUZ, 1937, p. 173). João estava certo de que entrara num novo tempo, instável, é verdade, mas novo, avançado, moderno, iluminado, em progresso irreversível. Decerto, João datilografava tais ideias em sua “*machina*” de escrever “*Remington*” comprada na Casa Pratt, à Praça Visconde do Rio Branco, nº 13 (REMYNGTON, 1919). Palma Muniz, como João preferia assinar seus textos, não se demorou nas conjecturas históricas do dia 7 de setembro, mas estava convicto que o Pará brilhava com seu pioneirismo nativista marcado pela revolução de 1º de janeiro de 1821, dando o primeiro brado para independência nacional em 1822, há cem anos.

Sem ir muito adiante nas hipóteses, espreguiçou-se demoradamente, ao mesmo tempo que buscava pelos chinelos, sentado à cama, rasteando os pés. Esforçou-se por abrir os olhos envolto à penumbra intensificada pelas espessas cortinas. Evitava a sensação de fluidez, da instabilidade entre os “dois sistemas”<sup>4</sup>: o sono que se esvaia e a lucidez que se acordava. Com o pensamento límpido, mas a visão ainda embaçada, tateava por se localizar, por demarcar seu chão, assim como em seus textos (MUNIZ, 1915a; 1915b; 1916a; 1916b; 1919a; 1920b; 1920b; 1921). Assim como Veríssimo (1899) antes dele. Naquele momento, João buscava por pontos fixos, apoiando-se no espelho da cama, firmando os pés no acarpeto,

<sup>3</sup> Ao consultara obra de Pereira da Silva (1868), verificamos, salvo não seja a mesma edição, que a citação se encontra na p. 149 e não na p. 119, como cita Muniz (1923a) na página 325, nota nº 15.

<sup>4</sup> Paráfrase à análise de Sevchenko (1999, p. 85).

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

procurando se achar entre cômodas e cômodos. Abandonando a cama, por fim, abriu as cortinas das janelas fazendo progredir a luz do sol. Seguiu com seu ritual matinal em dia de feriado: banho, barba, roupas caseiras, bons-dias carinhosos à Dona Delphina, café e jornais.

Jornais! Os intelectuais da Belém dos anos de 1920 difundiam suas produções particularmente através da imprensa com frequentes publicações em periódicos de ampla circulação (FIGUEIREDO, 2005; MAFRA, 2019). Ao menos três matutinos sempre o esperavam à mesa do desjejum: Folha do Norte, A Província do Pará e Estado do Pará. Aí informava-se dos últimos e dos próximos acontecimentos da cidade que adotara como sua, já que de nascimento sua cidade era Vigia de Nazaré. Lia neles os seus próprios textos. Tantos textos!

Sem nenhuma atenção ao café que tomava, servido com biscoitos finos e pães comprados na premiada fábrica União da Travessa 7 de setembro, nº 54 (COSTA, 1924, p. [585]), concentrava-se nas manchetes da primeira página dos jornais. "O Grito do Ypiranga" (O GRITO, 1922); "[...] Brasil independente e grande!" (UM SÉCULO, 1922). Resenhas bazófilas acompanhadas da extensa programação do Centenário. Parada militar. Sessão solene de abertura do Congresso Legislativo do Estado, com a presença especial do Governador. Juramento infantil à bandeira nacional nas escolas públicas. Recepção em Palácio ao Corpo Consular. *Matinê* do Olympia. O majestoso baile infantil do Palace Theatre (O CENTENÁRIO, 1922b). A "hora do centenário" que seria marcado pela sirene da Pará Elétrica, às dezesseis e trinta (INDEPENDÊNCIA, 1922). A sessão solene do Instituto Histórico no Theatre da Paz, à noite. Um dia de aspecto "bizarro" com imponentes manifestações (O ASPECTO, 1922).

A programação dava conta de três dias de festa na capital. Seriam dias extensos e noites iluminadas, disso João não tinha nenhuma sombra de dúvida. "Santa Rosa iria gostar de estar aqui", pensou consigo João, imaginando o velho amigo, participando, com Lauro Sodré, novigésimo Congresso Internacional de Americanistas, no Rio de Janeiro, em comemoração ao centenário da Independência do Brasil, representando o Instituto Histórico paraense (CONGRESSO, 1922). De súbito, levantou-se da poltrona e deixando os periódicos mal-arrumados sobre a credência do gabinete, voltou aos seus aposentos pela porta de acesso interno buscando por suas vestes formais que estavam impecavelmente engomadas e estendidas sobre o leito.

Diante do sofisticado espelho na cabine de madeira e metal superpostos, detalhado em bronze dourado com polido cabide em *art nouveau*, retocou cabelo e bigode. Arrumou o fraque com ajuda da madame. Vestiu meias e sapatos, por certo comprados na Pelicano-Calçados finos, na João Alfredo, nº 87 (INDICAÇÕES, 1920a). Retirou do suporte a cartola e sua *bâton de marche* WMF com castão de prata e linhas, também em linhas *art nouveau*, de procedência alemã (BASSALO, 2008, p. 70), mas adquirida em Lausanne, na Suíça, quando da sua viagem pela Europa com a esposa, em maio de 1914 (DIA SOCIAL, 1914). Decidido como era, resolveu que iria de bonde elétrico à programação das dez e meia, no Senado da Câmara dos Deputados Estaduais, na Praça da Independência.

Delphina preferiu não ir junto. Não era afeita ao transporte público, nem às cerimônias políticas. Ademais, voltavam-na as horríveis lembranças do bárbaro crime que aconteceu num dos trens da

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

linha São Jerônimo, com uma vítima alvejada com cinco tiros, em plena luz do dia, no centro da cidade, na João Alfredo esquina com a São Matheus (ENTRE VELHOS, 1921). E o que dizer do susto quando o bonde 133, da Usina da Cremação, descarrilou na curva da rua 28 de Setembro para a Trav. da Piedade, coligindo com uma construção, e que, por milagre, não atingiu trabalhadores e uma mocinha que por ali passava na ocasião do acidente (QUE SUSTO, 1921). Não! A madame Gama Muniz preferia esperar pela sessão solene da noite, no Theatro da Paz. Em carro próprio sentia-se mais segura.

### O VAGÃO DE “PRIMEIRA” PELAS RUAS DA CIDADE TRICENTENÁRIA

O “engenheiro-historiador”, completamente bem-vestido, despediu-se de Delphina, desceu a escadaria do casarão com bengala e cartola, atravessando pelo portão de ferro. Encontrou-se à Av. Independência. Ao passar o ferrolho do portão de meia-altura, permaneceu de prontidão à espera do vagão elétrico de “primeira”, no qual não aceitaria passageiros que estivessem vestidos de forma inadequada ou incompleta (MARRISON, 1989, p. 36). Lembrou-se que deveria entrar pela plataforma da retaguarda, uma mudança nas normas anunciada pelo gerente geral da Companhia, Walter Binna (AVISO, 1921). Meteu Muniz a mão no bolso do fraque, decerto adquirido na “Maison Française”, na Praça da República (INDICAÇÕES, 1920b) e certificou-se da senha do bonde. Com as linhas elétricas estendidas até São Braz, o patrício, habitante de uma das novas comunas da cidade, podia tranquilamente fazer o percurso inverso da linha, delineando seu itinerário a partir da Av. da Independência, pela Av. de Nazareth, seguindo Av. da República, Av. 15 de Agosto, Rua Manoel Barata - ou a João Alfredo - e finalmente a Av. 16 de Novembro, na Praça Independência, onde funcionava a estação final dos bondes (MORRISON, 1989, p. 36). Sem dúvida, a opção mais adequada para juntar-se aos seus correligionários republicanos no Senado da Câmara dos Deputados.

O veículo aproximou-se em marcha lenta. Ao embarcar, João observou que havia rostos conhecidos no transporte público. Amenidades corteses entre olhares limitavam uma saudação silenciosa entre passageiros. Sentou-se sozinho. Não se achegava aos converses em trânsito. Preferia a solidão absorta e o monótono ruído de trilhos encarrilhados. Assim, apreciava a viagem contemplando prédios e transeuntes. O som dos trilhos o fazia voltar no tempo. Recordava eventos vividos na estrada de Ferro de Bragança e de suas peripécias de inspeção de linha geral (TÓPICOS, 1911a). Lá sim, havia rostos conhecidos de pessoas com quem a conversa dava gosto e fluência (A VIAGEM, 1911). Muitas aventuras! (TELEGRAMAS, 1911). Gloriosas lembranças (RAMAL, 1911). Recordações valiosas do ido 1911.

A trepidação momentânea do vagão o fez despertar da viagem ao passado. As memórias da ferrovia deram lugar aos encantos da cidade no presente. O ano de 1922 se mostrava, ainda, igualmente grandioso. O templo da Santa de sua devoção era uma evidência da grandiosidade deste tempo... instintivamente, o engenheiro-passageiro passou a mão direita no próprio colarinho, como uma chave L que se fechava entre o polegar e o indicador. Quem bem o observasse naquele instante testemunharia uma prece. Quiçá *onunc et hora mortis notes* da Ave Maria. O passageiro mostrava-se, à primeira vista, o que de fato era, um intelectual,

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

sim, mas um devoto declarado, sempre trazendo consigo, presa ao pescoço, num cordãozinho de ouro, a efígie de N. Senhora de Nazareth! (HURLEY, 1931).

O bonde parou no largo de Nazareth, elo viário entre a Av. da Independência e a Av. de Nazareth, no aristocrático bairro, onde situava-se o quase privativo santuário. Na estação do Largo, uma considerável praça com seus coretos peculiares e pavilhões armados para o arraial (LARGO, [s.d.]), circundada de infantas sumaumeiras dentre outros arvoredos, animada por revoadas de passarinhos, desembarcaram alguns passageiros e embarcaram outros. Interstício suficiente para o vagão da memória encher-se de vultos e feitos. João avistou a igreja de Nazareth em reforma que também ele colaborava (BASÍLICA, 1917). Reforma de muitas pelejas. “Santa Rosa que o diga!” Pois que não teve o amigo, a sorte, como tivera João, no Santuário de São Francisco (O SACTUÁRIO, 1919). A ideia de Santa Rosa, em 1902 (FIDANZA, 1902, p. 32), era transformar a antiga igreja numa basílica moderna. “Pobre Santa Rosa!”, lastimava-se João. Os novos padres e diretores preferiram a projeção vinda de Gênova, em 1909, autoria do arquiteto Gino Coppedè e do engenheiro Giuseppe Predasso, sob encomenda dos Clérigos Regulares de São Paulo, os barnabitas, que agora batalhavam junto à Santa Sé, mesmo com a reforma inconclusa, para a elevação do templo à dignidade de basílica, que, embora já fosse assim considerada, só iria receber a titulação em 1923 pela carta apostólica do Papa (PIUS PP. XI, 1923).

O devoto e letrado passageiro, sobrinho de Monsenhor Muniz (LUCTO, 1919), era um praticante da religião. Não perdia oportunidades de se apresentar nos atos litúrgicos. Parou em solenes bênção de imagens de santos, como a de São Francisco de Assis em Sant’Anna (EGREJA, 1912) ou a do Senhor Morto na Catedral (A VIDA RELIGIOSA, 1915). Fez-se presente e mandou celebrar missas em sufrágio da alma de Augusto Montenegro (DOUTOR AUGUSTO, 1915). Assistiu as pomposas exéquias fúnebres em memória de Dr. Paulo de Queiroz (DR. PAULO, 1916); e as simples exéquias de Dona Anna Tavares Vianna, saudosa mãe dos doutores Raymundo Vianna e Joaquim Viana (LUCTO, 1921). Serviu de padrinho de batismo, com sua esposa, à Maria do Perpétuo Socorro, filha de Antônio Lisboa Viégas e de Margarida Cavalléro Viégas (A ÁGUA, 1916). Prestigiou a visita do Núncio Apostólico, Mons. José Avversa (O SR NÚNCIO, 1916). Enfim, acompanhou dona Delphina Muniz, beneficiando eventos e pagando esportulas de caridades (PÃO, 1921). Pois sim, um católico praticante. Um devoto de Nossa Senhora de Nazareth.

O bonde em movimento o despertou dos seus enleios novamente, seguindo viagem pela antiga Estrada de Nazareth. Casarões, palacetes e institutos. Não conteve o curto sorriso galhofeiro ao passar em frente ao Colégio de Santa Catharina. Lembrou-sedo noticiário policial que condenou um certo Joaquim, um “patife” sem respeito que praticou ato ofensivo à moral fazendo da calçada do colégio das castas religiosas um improvisado mictório (PELA POLÍCIA, 1921). Deixando de lado a galhofa, avistou, quase que simultaneamente, o belo prédio do Instituto Nossa Senhora de Nazareth (INSTITUTO, 1921). Os prédios do ensino faziam João pensar sobre si mesmo e admitir que estava em pleno pulso intelectual. Com seus 49 anos de idade, celebrados no último dia 5 de janeiro, destacava-se por seu refinamento nas letras e vasto conhecimento nas áreas da engenharia civil, da geografia e da história (MORAES, 2009; RÊGO, 1981).

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

Engenheiro de profissão, membro atuante do Club de Engenharia do Pará (ASSOCIAÇÕES, 1921), com larga experiência nas obras públicas do estado (NOTAS, 1918), tinha seu escritório particular em parceria com Dr. Eneas Pinheiro, atualmente na Rua de Santo Antônio, 48 (ENGENHEIROS, 1920). Todavia, sua produção intelectual trilhava para além da engenharia e transitava nas vias da história e outras humanidades. João era favorecido por um amplo cabedal de conhecimento. Com uma sociabilidade entre os intelectuais da cidade, nas mais variadas agremiações culturais e congêneres, fez parte do Comitê Patriótico do Tricentenário da fundação de Belém (A PRÓXIMA, 1915; COMITÊ, 1916); da Sociedade dos Homens de Letras (SOCIEDADE, 1915); do Conselho Administrativo da Santa Casa de Misericórdia (SANTA CASA, 1917); da Comissão de Socorro aos Flagelados (COMISSÃO, 1919); da benemérita Sociedade Artística Paraense (ARTÍSTICA, 1917); da Escola de Agronomia e Veterinária do Pará, onde ocupou o cargo de vice-diretor e a Cadeira nº 13 - lente catedrático (ESCOLA, 1919). Tal bagagem intelectual e sociabilidade diversificada favoreceram a João o seu ingresso no VI Congresso de Geografia, em Belo Horizonte, em 1919, na qualidade de delegado do Pará (TELEGRAMMAS, 1919).

João carregava consigo a bagagem das humanidades e das matérias técnicas adquiridas na Escola Politécnica do Rio de Janeiro que, com parâmetros da engenharia de matriz francesa, caracterizava-se positivista e de formação enciclopedista (MORAES, 2009), cujo papel acadêmico tornou-se o elo e a chave entre a intelectualidade nacional e a nação. Período que os engenheiros, assim como os médicos, passaram a ser considerados como “os apóstolos do progresso, mobilizados pela ideia imprescindível de adequar o Brasil ao ritmo da civilização” (EHLERT apud MORAES, 2009, p. 23). João sentia-se um missionário com a árdua tarefa do fazer historiográfico. Novamente desperto de suas viagens no tempo, conduzidas pela locomotiva da memória, entendeu que já estava quase no início da Nazareth. Seus olhos não atalharam o imponente palacete que servia como Educandário Norte do Brasil, antigo Instituto Amazônia (EDUCANDÁRIO, 1921).

“Belos edifícios de uma bela época transitória”, formulou João silenciosamente. A cidade, herdeira das taxas e multas de Lemos (SARGES, 2009), figurava entre as mais prósperas e modernas cidades do mundo (DAOU, 2000; DEAN, 1989). Comparada à Madri, possuía vias amplas e longas estradas, novos bairros de novas elites. Não era por menos, a casa de João localizava-se num desses novos bairros, entre o Largo de Nazareth e Praça Floriano Peixoto. Praças arborizadas, repletas de flores e plantas ornamentais. Reformados edifícios da administração pública. Escolas, hospitais, asilos e cadeias. Diversos serviços e estabelecimentos. Escritórios de indústrias, casas bancárias, firmas seguradoras, telégrafos, telefonia, linhas de bonde e estrada de ferro. Belém civilizada e moderna (DAOU, Op. Cit.). Um tempo de ouro, sustentando pelo ciclo da borracha. “Nova fisionomia” (TOCANTINS, 1982, p. 106). Novos costumes. Novos comportamentos sociais. Tentativas de aproximar a Amazônia à Europa (SAREGES, 2010, p. 20). João ressabiava-se que se tratasse de mera euforia monetária de um sistema que não se manteria por muito mais tempo que aqui e ali revelava-se instável (BASSALO, 2008).

Uma vez na estação final, à praça Independência, antigo Largo do Palácio, o ilustre passageiro desceu do carro pela plataforma da frente. Reposicionou o chapéu adquirido na loja Moderna, na João

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

Alfredo (CAMISARIA, 1920)e, segurando firme sua bengala, seguiu pela marginal da esplendorosa praça, evitando o centro do largo porque naquele horário os urubus aninhavam-se nas mais altas árvores, ameaçando os passantes com suas esbranquiçadas dejeções. “Ah! Urubus! Essas rapinas que desfiguram a cidade e denunciam podridões!” Por um instante pensou ter ouvido o próprio solilóquio maldizendo as negras aves. Por um instante sentiu-se no derradeiro arrabalde do mundo, como um Prometeu acorrentado diante de seu pecado, a responder aos divinos inquisidores. Na verdade, não eram as aves que o açoítavam, mas, memórias longínquas que assolavam o seu espírito e faziam-no franzir o cenho. Crítica anônimas denunciando-o como “indecente, imoral”, por ter sido nomeado fiscal dos esgotos municipais pelo intendente, ao mesmo tempo que era sócio da concessionária responsável da limpeza e manutenção desses esgotos (OS EXGOTTOS, 1911). A diferença entre o nosso personagem e o da tragédia grega é que esse compartilhou entre todos o tesouro dos deuses, enquanto aquele teria logrado para si aquilo que era direito de todos. “Ó alma-exterior que não é mais a mesma!” Jacobina martelava o pensamento de João (ASSIS, [1882], 1994). “Veja lá se pode?! Bando de urubus!” Com desdém aos próprios pensamentos, encheu-se de si e reorganizando na mente a ideia de um Prometeu, não o pecador, mas o “portador”, um “escritor-cidadão” (SEVCENKO, 1999, pp. 78; 85), retomou o juízo e seus passos *allegri moderati*, mas, com prudência para que seus algozes não o vissem e com ele não se divertissem (ÉSQUILO, 1959, p. 97).

Da casa à igreja. Da igreja à praça e palácio. O engenheiro não se fazia de rogado nas suas aparições públicas. Unindo-se ao distinto grupo de amigos republicanos, participou da Sessão Solene de Abertura em comemoração ao Centenário da Independência da nação com a especial presença do Governado, Dr. Sousa Castro (A INSTALAÇÃO, 1922). O senador Cypriano Santos declarou aberta a solenidade comunicando as finalidades. Solicitou a leitura da ata. Nomeou comissão de honra para a condução do Governador à assembleia. Os senadores Ferreira Teixeira, José Porfírio e Alves da Cunha e os deputados Francisco Campos e Augusto Meira fizeram as honrarias. Na mensagem do Governador, o Centenário dominou a primeira seção do discurso. “Sim!” João concordava com o Governador. Do Império à República não havia discórdias históricas, “nem ódios, nem sangue, nem ressaibos de rancor - venceu a força da opinião!”

João, republicano declarado, membro do Partido Republicano do Pará, assíduo às convenções partidárias (P. R. DO PARÁ, 1916), ao lado de seus correligionários Theodoro Braga e José Sidrim, cumpria seu dever de cidadão. Participava ativamente da vida pública (A VIDA POLÍTICA, 1911; A CONSAGRAÇÃO, 1916). Membro efetivo de mesa eleitoral na eleição do presidente da república (ELEIÇÃO, 1914). Apoiou a candidatura de Enéas Martins para reeleição e novo mandato em 1916 e foi fiel apoiador de Lauro Sodré (O EMBARQUE, 1921). Contudo, João não teria sido um “bom” candidato político se assim escolhesse para a sua vida pública (QUAL O FUTURO, 1920).

### **O ESPETÁCULO DA SOLENIDADE**

João, após a cerimônia solene em Palácio, fez o percurso de volta ao lar. Da câmara à casa. A companhia de dona Delphina, sempre afável, deu ao almoço tardio um sabor especial. João retirou-se para a sesta vespertina à melodia do chuvisco que arrefecia o clima e anestesiava o espírito. Depois recebeu seu velho amigo José Sidrim para mais um colóquio sobre a casa nova. Um palacete residencial. João tinha pressa em realizar seu sonho, por isso os tantos detalhes, a insistência nos rascunhos, a constante mudança dos rabiscos de uma futura planta baixa. Não se decidia... de repente, um estrondo! Uma sirena! Um alvoroço tomou conta de toda a cidade. Passaradas irrequietas. João e Sidrim ouviram ao longe, por entre badalos, tiros, buzinas, e urros, a forte sirena da usina Pará Electric. O sinal de atenção ao momento exato do brado “independência ou morte”. O relógio na parede apontava as quatro e meia da tarde (A HORA, 1922).

João e José entreolharam-se. Uma certa comoção tomou conta do ambiente no mesmo instante que Delphina entrou na sala trazendo petiscos. Depositou-os à mesa. Sorriu de soslaio a João e foi retribuída imediatamente. Silêncio. Silenciadas as homenagens, João e José voltaram a compartilhar perspectivas, imaginações e sonhos de uma construção esplendorosa com vestíbulos, sala de visitas, estúdio, *loggia*, alpendres, salão, oratório, dormitórios e quartos, toilette, gabinete, banheiro/w.c., sala de trabalho, despensa, sala de jantar, copa e cozinha (PACHECO, 2013, p. 107). Muniz tinha pressa, desejava habitar o palacete dos sonhos, em estilo “moderno americano”, mas ainda não havia previsão (MATOS, 2017, p. 297) ou provisões para a construção. João alimentava-se de esperanças entre conversas e drinks com seu amigo arquiteto. Tendo despedindo-se do amigo, voltou-se aos preparativos da cerimônia solene que haveria de participar logo mais.

Após novo banho, buscou em sua estante, no gabinete, o Livro de Atas das Assembleias Gerais do Instituto Histórico. Sua tarefa no Sodalício obrigava-o ao zelo dos livros e ao esmero dos registros oficiais. João, querido (NOTAS, 1919) e combatido (FIGUEIREDO, 2009) pelos confrades, assumia a função de 1º secretário (INSTITUTO, 1917). Prestigiado pelo benemérito governador Lauro Sodré (PARA-AMAZONAS, 1918), fez do Instituto Histórico o lugar institucional de suas produções intelectuais (INSTITUTO, 1917). Arrumadas as oficialidades na pasta executiva, pôs-se a vestir-se à rigor para a solenidade. Delphina já havia começado seu ritual das vestes bem antes dele, mas ainda sem previsão do acabamento. Sem abandonar a moda, Delphina, com ajuda de uma assistente, revisou seu penteado.

O casal estiloso desceu a escadaria lateral e embarcou no *Ford Touring*- ou como se acostumou chamar, *Ford T*, cor preta, certamente um modelo 1916 (A CONSAGRAÇÃO, 1916, p. 2). João verificou os varões de freios de mão junto ao volante, em par com a alavanca da ignição, o “bigode”. Testou os pedais das duas marchas para frente e à ré (OLAIL, 2017). Delphina acomodou-se no banco aveludado. A máquina, sem ultrapassar os 40 quilômetros, conduziu o casal pelo centro da avenida, cruzando com bondes lotados que iam e vinham àquelas horas. Carros e mais carros nas avenidas a vagalumar a noite belenense (O ASPECTO, 1922). Em frente ao Bar Pilsen (COSTA, 1924, p. [623]), por um breve momento, João pensou ter ouvido a marchinha carnavalesca “Ai, Seu Mé”, chacota dos oposicionistas de Bernardes (WANDERLEY, 2022). Quicá fossem buzinas que o confundiam. Com a atenção redobrada, avançou para a

## **No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)**

Av. Nazareth. Os postes de ferro, iluminados. Noite encantada. Túneis das mangueiras conduziam-no até à curva da Av. Ferreira Penna. Chegou, finalmente, na Av. da Liberdade. Estacionou quase em frente ao magnífico Theatro. A praça estava agitada. Automóveis e pessoas num vai-e-vem sem paradas (O ASPECTO, 1922). Ao descer do carro, Delphina pediu licença para entrar e ocupar seu lugar no camarote reservado ao primeiro secretário. João dirigiu-a breve afabilidade com um sereno beijo no rosto. Despediram-se e Delphina juntou-se a outras damas em direção ao Theatro. João permaneceu ali, encostado no automóvel. Abriu sua carteira de cigarros rosa cruz. Acendeu um. Tragou-o e sentiu-o ao paladar. Havia semelhanças aos cigarros “Lauro Sodré” e “15 de Agosto”, sem cola, sem nicotina (ROSA CRUZ, 1911). Pôs-se a esfumaçar o ar como uma locomotiva. Aguardava pelo tempo.

Quase sem nada pensar deu com os olhos na magnífica estátua de bronze na área frontal do Theatro. A mulher belicosa, a ninfa, a deusa Palas, a República. O monumento de bronze com a “legítima expressão do ideal democrático” erguia-se diante dele com suntuosa solenidade, numa “simplicidade heroica e de feição docemente enérgica, talhada nos moldes clássicos da estatuaria grega”. Uma saudação ao Barão de Marajó, intendente da cidade que mandou construir esse monumento, em novembro de 1890. Eis ali a República entre alas de árvores cujas folhagens peneiravam os raios da luz elétrica sob um luar que ainda se podia vislumbrar (FIDANZA, 1902, p. 30-33). Um luar que o fez viajar entre valsas e jazzes nas recepções oferecidas diversas vezes pelos governadores João Coelho e Enéas Martins (TÓPICOS, 1911b; 1911c; 1912a; 1912b; O DR ENÉAS, 1913), ou nos bailes sociais como o pomposo casamento do Dr. Nabuco Neiva e dona Ida Coelho, acontecimento máximo, com mais de 122 carruagens e automóveis, assistido pelo Juiz Flávio de Guamá, e as bênçãos do arcebispo D. Santino Coutinho (DIA SOCIAL, 1911).

O cigarro consumia-se quase à bagana. Deu-se pelo tempo. Observou finalmente que muitos convidados adentravam o Theatro. O suntuoso prédio neoclássico. Riqueza de uma moeda que não era de cobre ou níquel, mas de goma (BASSALO, 2008, p. 89). Também o presidente do Instituto, Ignácio Moura, e alguns de seus confrades chegavam às proximidades da casa de espetáculos. O primeiro secretário apagou a ponta do cigarro sob a sola do sapato. Apanhou sua bolsa executiva no banco traseiro do carro e dirigiu-se para o pórtico do Theatro com saudações aos consócios e suas acompanhantes. Seguindo pelo acesso às coxias, João e Ignácio Moura, chegaram ao palco. João admirou a plateia. Varandas, frisas, camarotes e galerias repletas de convidados. Viu entre as autoridades seus consócios da Diretoria do Instituto: Professor Manoel Braga Ribeiro, Dr. Luiz Estêvão de Oliveira, Dr. João Batista Penna de Carvalho, e o Cônego Ricardo Rocha, que representava o Arcebispo, D. Santino. O relógio de bolso indicava vinte e uma horas quando o presidente declarou a sessão magna aberta. O mestre da banda levantou a batuta e a banda da brigada militar do estado executou o hino da independência. O orador oficial, Dr. Estêvão, tomou seu lugar na tribuna e discursou. João escrevendo tudo no Livro (MUNIZ, 1922b) não deixava de admirar, embora estivesse atrás de si, a grandiosa alegoria da República, pintada na França, por Crispim do Amaral, em 1890, estampada no pano de boca da sala de espetáculo (ALEGORIA, 2009).

## EPÍLOGO À GUISA DE CONCLUSÃO

O engenheiro João de Palma Muniz faleceu no dia 26 de dezembro de 1927 sendo amplamente noticiado o seu falecimento (A VIDA SOCIAL, 1927). As academias de Belém despediam-se do “notável investigador dos factos da história paraense” (NOTÍCIAS, 1927). O senador Lauro Sodré e o Dr. Sebastião Sodré da Gama, cunhado de Palma Muniz, mandaram celebrar e estiveram presentes na missa de sétimo dia, no altar-mor da igreja Nossa Senhora do Parto, no Rio de Janeiro (A VIDA SOCIAL, 1928). O engenheiro-historiador, ainda jovem na idade, porém, maduro na intelectualidade, deu voz à história através de sua pena. Participou ativamente do movimento republicano. Defendeu o nativismo e o território nacional. Produziu história, através de textos discursivos, altivos, e moldado por uma “história de eventos”. Embrenhou-se entre arquivos e documentos permitindo, assim, outros textos sobre os mesmos fatos com outras visões e hermenêuticas. Em Palma Muniz, o passado se fez do presente-ausente propiciado pelas efemérides pátrias que, embora ausente num espaço de cem anos antes dele, permeou sua memória e definiu sua escrita possibilitando-o contribuir com a história do Pará e do Brasil.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

#### | Arquivos |

MUNIZ, Palma. [Ata] 7 set. 1922. *Sessão Magna do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. Localização: Arquivo Palma Muniz do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Belém, PA. Nº 74. Fundo: Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Série: Livro de Atas (1917-1931), [1922b], p. 34b ss. Estante nº 11, prateleira nº 1.

BRAGA RIBEIRO, M. [Ata] 9 nov. 1921. *10ª sessão de estudos e administração*. Localização: Arquivo Palma Muniz do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Belém, PA. Nº 75. Fundo: Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Série: Livro de Atas (1919-1923), p. 72b-78a. Estante nº 11, prateleira nº 1.

PIUS PP. XI. [Carta/Decreto] *Exstat in civitate*. Localização: Arquivo do Vaticano. Localização: Acta Apostolicae Sedis Commentarium Officiale, Annus XV, VII, Num. 1, iulii, 19. Romae, Typis Polyglottis Vaticanis, 1923, p. 494-495. Disponível em <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-15-1923-ocr.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2022.

#### | Jornal Estado do Pará |

A ÁGUA lustral. *Estado do Pará*. Belém, anno VI, nº 1903, quinta-feira, 29 de junho de 1916. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/11791>. Acesso: 10 mai. 2022.

A CONSAGRAÇÃO republicana de ante-hontem. *Estado do Pará*. Belém, anno VI, nº 2022, sexta-feira, 27 de outubro de 1916, p. 1-2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/800082/12734> Acesso: 12 mai. 2022.

A PRÓXIMA comemoração do tri-centenário da fundação de Belém. *Estado do Pará*. Belém, anno IV- nº 1425, segunda-feira, 8 de março de 1915, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/8146>. Acesso: 10 mai. 2022.

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

A VIAGEM do Governador. *Estado do Pará*. Belém, anno I- nº 36, segunda-feira, 15 de maio de 1911, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/156> Acesso: 11 mai. 2022.

A VIDA POLÍTICA. *Estado do Pará*. Belém, anno I- nº 242, quinta-feira, 7 de dezembro de 1911, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/967> Acesso: 14 mai. 2022.

A VIDA RELIGIOSA, *Estado do Pará*, Belém, anno IV- nº 1444, sábado, 27 de março de 1915, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/8284> Acesso: 16 mai. 2022.

ARTÍSTICA Paraense: as festas do seu jubileu. *Estado do Pará*. Belém, anno VII- nº 2240, quarta-feira, 27 de junho de 1917, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/14332> Acesso: 10 mai. 2022.

ASSOCIAÇÕES: clube de engenharia do Pará. *Estado do Pará*. Belém, anno XI- nº 3881, sábado, 14 de junho de 1921, p. 2, 5 e 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/21935> Acesso: 16 mai. 2022.

AVISO ao Público. *Estado do Pará*. Belém, anno X- nº 3611, sábado, 2 de abril de 1921, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/800082/21494> Acesso: 11 mai. 2022.

BASÍLICA de Nazareth. *Estado do Pará*. Belém, anno VI- nº 2154, domingo, 1 de abril de 1917, p. 2. <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/13795> Acesso: 10 mai. 2022.

CAMISARIA e Chapelaria Moderna. *Estado do Pará*. Belém, anno X- nº 3426, quinta-feira, 30 de setembro de 1920, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/20910> Acesso: 16 mai. 2022.

COMITÊ do Tricentenário e o Governador. *Estado do Pará*. Belém, anno V- nº 1728, quinta-feira, 6 de janeiro de 1916, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/10548> Acesso: 15 mai. 2022.

COMISSÃO de Socorro aos Fragellados. *Estado do Pará*. Belém, anno IX- nº 2930, quinta-feira, 22 de maio de 1919, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/18109> Acesso: 16 mai. 2022.

DIA SOCIAL: casamento Néiva-Coelho. *Estado do Pará*. Belém, anno I- nº 257, sexta-feira, 22 de dezembro de 1911, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/1028> Acesso: 10 mai. 2022.

DIA SOCIAL: diversas. *Estado do Pará*. Belém, anno IV- nº 1132, terça-feira, 19 de maio de 1914, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/6114> Acesso: 15 mai. 2022.

DOUTOR AUGUSTO Montenegro: convite. *Estado do Pará*. Belém, anno V- nº 1596, sexta-feira, 27 de agosto de 1915, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/9302> Acesso: 14 mai. 2022.

DR. PAULO de Queiroz: as exequias de ontem. *Estado do Pará*. Belém, anno V- nº 1793, sábado, 11 de março de 1916, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/11033> Acesso: 10 mai. 2022.

EDUCANDÁRIO Norte do Brasil. *Estado do Pará*. Belém, anno X- nº 3541, domingo, 2 de janeiro de 1921, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/800082/21045> Acesso: 16 mai. 2022.

EGREJA Parochial de Sant'Anna: bênção solenne da imagem de S. Francisco de Assis. *Estado do Pará*, Belém, anno II- nº 311, quinta-feira, 18 de fevereiro de 1912, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/1243> Acesso: 11 mai. 2022.

ELEIÇÃO para presidente e vice-presidente da República. *Estado do Pará*. Belém, anno IV- nº 1044, quinta, 19 de fevereiro de 1914, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/5494> Acesso: 12 mai. 2022.

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

ENGENHEIROS: Drs. Palma Muniz e Enéas Pinheiro. *Estado do Pará*. Belém, anno X- nº 3288, quarta-feira, 12 de maio de 1920, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/19944> Acesso: 16 mai. 2022.

ENTRE VELHOS amigos. *Estado do Pará*. Belém, anno XI- nº 3640, domingo, 1 de maio de 1921, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/800082/21677> Acesso: 16 mai. 2022.

ESCOLA de Agronomia e Veterinária do Pará. *Estado do Pará*. Belém, anno IX- nº 2966, sexta-feira, 27 de junho de 1919, p. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/18337> Acesso: 15 mai. 2022.

INDICAÇÕES úteis. [1920a] *Estado do Pará*. Belém, anno IX- nº 3243, quarta-feira, 31 de março de 1920, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/19634> Acesso: 16 mai. 2022.

INDICAÇÕES úteis. [1920b] *Estado do Pará*. Belém, anno X- nº 3426, quinta-feira, 30 de setembro de 1920, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/20905> Acesso: 16 mai. 2022.

INSTITUTO Histórico e Geográfico do Pará. *Estado do Pará*. Belém, anno VI- nº 2123, quinta-feira, 1 de março de 1917, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/13547> Acesso: 15 mai. 2022.

INSTITUTO Nossa Senhora de Nazareth. *Estado do Pará*. Belém, anno X- nº 3523, quarta-feira, 5 de janeiro de 1921, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/800082/20923> Acesso: 16 mai. 2022.

LUCTO: falecimentos. *Estado do Pará*. Belém, anno IX- nº 3114, domingo, 23 de novembro de 1919, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/18708> Acesso: 15 mai. 2022.

LUCTO: missas. *Estado do Pará*. Belém, anno XI- nº 3714, quinta-feira, 14 de julho de 1921, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/22145> Acesso: 16 mai. 2022.

MUNIZ, Palma. Castanhaes de Alenquer. *Estado do Pará*, Belém, anno XI- nº 3623, quinta-feira, 14 de abril de 1921. p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/21570> Acesso: 16 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. [1920a] Pelo Brasil Unido. *Estado do Pará*. Belém, anno IX- nº 3165, terça-feira, 13 de janeiro de 1920, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/19050> Acesso: 16 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. [1920b]. Serviço de Concessão de Terras Públicas do Estado do Pará. *Estado do Pará*. Belém, anno X- nº 3400, sábado, 4 de setembro de 1920, p. 5, colunas 5 e 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/20712> Acesso: 16 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. "Pará-Goyaz". [1919a]. *Estado do Pará*. Belém, anno IX- nº 3103, quarta-feira, 12 de novembro de 1919, p. 1 e 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/18630> Acesso: 15 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. [1919b]. "Pará-Goyaz" (continuação). *Estado do Pará*. Belém, anno IX- nº 3104, quinta-feira, 13 de novembro, 1919, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/18640> Acesso: 15 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. [1916a]. "Limites Paraenses I". *Estado do Pará*. Belém, anno V- nº 1732, segunda-feira, 10 de janeiro de 1916, p. 1. colunas 1 e 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/10584> Acesso: 12 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. [1916b]. "Limites Paraenses II". *Estado do Pará*. Belém, anno V- nº 1734, quarta, 12 de janeiro de 1916, p. 1, colunas 4,5,6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/10598> Acesso: 14 mai. 2022.

## **No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)**

\_\_\_\_\_. [1915a]. "Canal de Suez". *Estado do Pará*. Belém, anno V- nº 1456, sexta-feira, 9 de abril de 1915, p. 1 e 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/8367> Acesso: 12 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. [1915b] "Santarém e Cametá". *Estado do Pará*. Belém, anno V- nº 1654, domingo, 24 de outubro de 1915, p. 7 e 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/9874> Acesso: 14 mai. 2022.

NOTAS Sociais: aniversários. *Estado do Pará*. Belém, anno VII- nº 2431, sabbado, 5 de janeiro de 1918. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/15567> Acesso: 15 mai. 2022.

NOTAS sociais: viajantes. *Estado do Pará*, Belém, anno IX- nº 3090, quinta-feira, 30 de outubro de 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/18543> Acesso: 15 mai. 2022.

O DR. ENÉAS Martins: em Belém brilhante recepção. *Estado do Pará*. Belém, anno III- nº 662, sabbado, 1 de fevereiro de 1913, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/2825> Acesso: 10 mai. 2022.

O EMBARQUE do dr. Lauro Sodré. *Estado do Pará*. Belém, anno X- nº 553, sexta, 4 de fevereiro de 1921, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/21126> Acesso: 16 mai. 2022.

O GRITO do Ypiranga. *Estado do Pará*. Belém, quinta-feira, 7 de setembro de 1922, Ano XII, Nº 4093, p. 1. [Microfilmagem]. Fundação Cultural do Estado do Pará. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

O SANCTUÁRIO de S. Francisco. *Estado do Pará*. Belém, anno IX- nº 2965, quinta, 26 de junho de 1919, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/18328> Acesso: 15 mai. 2022.

O SR. NÚNCIO Apostólico. *Estado do Pará*. Belém, anno VI- nº 1910, quinta-feira, 6 de julho, 1916, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/11846> Acesso: 14 mai. 2022.

OS EXGOTTOS. *Estado do Pará*. Belém, anno I- nº 116, quinta-feira, 3 de agosto de 1911, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/473> Acesso: 10 mai. 2022.

P.R. DO PARÁ: a convenção amanhã – a reunião de ontem. *Estado do Pará*. Belém, anno VI- nº 2019, terça-feira, 24 de outubro de 1916, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/12710> Acesso: 12 mai. 2022.

PÃO de Santo Antônio. *Estado do Pará*. Belém, anno XI- nº 3680, sexta-feira, 10 de junho de 1921, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/21929> Acesso: 16 mai. 2022.

PARÁ-AMAZONAS. *Estado do Pará*. Belém, anno VIII- nº 2575, sexta-feira, 31 de maio de 1918, p. 1, coluna 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/16402> Acesso: 14 mai. 2022.

PELA POLÍCIA: atrevimento e xadrez. *Estado do Pará*. Belém, anno XI- nº 3778, quinta-feira, 02 de setembro de 1921, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/800082/22554> Acesso: 16 mai. 2022.

QUAL O FUTURO governo? Um plebiscito oportuno. *Estado do Pará*. Belém, anno X- nº 3396, terça-feira, 31 de agosto de 1920, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/800082/20680> Acesso: 15 mai. 2022.

QUE SUSTO! *Estado do Pará*. Belém, domingo, anno XI- nº 3783, 4 de setembro de 1921, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/800082/22453> Acesso: 16 mai. 2022.

RAMAL de Bemfica: importante melhoramento. *Estado do Pará*. Belém, anno I- nº 247, terça-feira, 12 de dezembro de 1911, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/800082/987> Acesso: 10 mai. 2022.

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

REMINGTON. *Estado do Pará*. Belém, anno IX- nº 3104, quinta-feira, 13 de novembro 1919, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/18640> . Acesso: 14 mai. 2022.

ROSA CRUZ. *Estado do Pará*. Belém, anno I - nº 207, quinta-feira, 2 de novembro de 1911, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/800082/828> Acesso: 10 mai. 2022.

SANTA CASA de Misericórdia. *Estado do Pará*. Belém, anno VII - nº 2324, quarta-feira, 19 de setembro de 1917, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/14898> Acesso: 14 mai. 2022.

SOCIEDADE dos Homens de Letras. *Estado do Pará*. Belém, anno V - nº 1652, sexta-feira, 22 de outubro, 1915. p. 1. Localização: HBNDDB. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/9858> Acesso: 14 mai. 2022.

TELEGRAMMAS. *Estado do Pará*. Belém, anno I - nº 13, sabbado, 22 de abril de 1911, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/57> Acesso: 10 mai. 2022.

TELEGRAMMAS: Rio, 17 (Western). *Estado do Pará*. Belém, anno IX - nº 3078, sábado, 18 de outubro de 1919, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/18465> Acesso: 15 mai. 2022.

TÓPICOS e notícias. *Estado do Pará*. Belém, anno I- nº [...], domingo, 16 de julho de 1911a, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/800082/402> Acesso: 10 mai. 2022.

TÓPICOS e Notícias. *Estado do Pará*. Belém, anno I- nº 131, sexta-feira, 18 de agosto de 1911, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/534> Acesso: 10 mai. 2022.

TÓPICOS e Notícias. *Estado do Pará*. Belém, anno I- nº 145, sexta-feira, 1 de setembro de 1911c, p. 3, coluna 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/590> Acesso: 10 mai. 2022.

TÓPICOS e Notícias. *Estado do Pará*. Belém, anno II- nº 270, sexta-feira, 5 de janeiro, 1912a, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/1080> Acesso: 10 mai. 2022.

TÓPICOS e Notícias. *Estado do Pará*. Belém, anno II- nº 319, sexta-feira, 23 de fevereiro de 1912b, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800082/1276> Acesso: 10 mai. 2022.

| **Jornais A Província do Pará; Folha do Norte; Correio da Manhã; Correio Paulistano** |

A HORA do Centenário. *A Província do Pará*. Belém, quinta-feira, 7 de setembro de 1922, p. 1. [Microfilmagem]. Fundação Cultural do Estado do Pará. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

A INSTALAÇÃO do congresso legislativo. *Folha do Norte*, Belém, sexta-feira, 8 de setembro de 1922, p. 1, [Microfilmagem] Fundação Cultural do Estado do Pará. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

A VIDA SOCIAL: falecimentos. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, anno XXVII- nº 10111, quinta-feira, 29 de dezembro de 1927, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_03/33344](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_03/33344)

A VIDA SOCIAL: missas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, anno XXVII- nº 10124, sexta-feira, 13 de janeiro de 1928, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_03/33566](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_03/33566)

CONGRESSO de Americanistas. *Folha do Norte*, quarta-feira, 6 de setembro de 1922, p. 1. [Microfilmagem]. Fundação Cultural do Estado do Pará. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

INDEPENDÊNCIA ou Morte. *A Província do Pará*. Belém, 7 de setembro de 1922, p. 1. [Microfilmagem]. Fundação Cultural do Estado do Pará. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

MUNIZ, Palma. [1922a]. O Pará e a Independência. *Folha do Norte*. Belém, sexta-feira, 8 de setembro de 1922. Fundação Cultural do Estado do Pará. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

NOTÍCIAS Telegraficas: falecimento. *Correio Paulistano*. São Paulo, nº 23125, quarta-feira, 28-12-1927, p. 14, coluna 7. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/090972\\_07/28878](http://memoria.bn.br/DocReader/090972_07/28878)

O ASPECTO da cidade. *Folha do Norte*. Belém, sexta-feira, 8 de setembro de 1922, p. 1, [Microfilmagem]. [Microfilmagem]. Fundação Cultural do Estado do Pará. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

O CENTENÁRIO da Independência: sua comemoração no Pará. [1922a] *Folha do Norte*. Belém, quarta-feira, 6 de setembro de 1922, p. 1. [Microfilmagem]. Fundação Cultural do Estado do Pará. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

O CENTENÁRIO da Independência. [1922b] *A província do Pará*. Belém, sábado, 9 de setembro de 1922, p. 1. [Microfilmagem]. Fundação Cultural do Estado do Pará. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

O PARÁ e a Independência. *Folha do Norte*. Belém, sexta-feira, 8 de setembro de 1922. [Microfilmagem]. Fundação Cultural do Estado do Pará. Hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna.

### | Revistas |

FIDANZA, Filippo Augusto. Álbum de Belém Pará: 15 de novembro de 1902. Paris: Philippe Renouard. Disponível em: <https://fauufpa.org/wp-content/uploads/2012/07/album-de-belc3a9m-parc3a1-15-de-novembro-1902.pdf>. Acesso em: 22 abr.2022.

HURLEY, Jorge. Palma Muniz e o Instituto Histórico. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, Volume VI. Belém: Instituto D. Macedo Costa, 1931, p. 200-205. Localização: Hemeroteca da Biblioteca do IHGP.

MUNIZ, Palma. [1923a]. III These: Adesão do Grão-Pará á Independência. In: *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Pará (R-IHGP)* [Edição comemorativa da independência política do Brasil.]. Volume IV. Anos 5 e 6, 1921-1922, fascículo IV, fevereiro-março de 1923, p. 02-398. Disponível em: <http://ihgp.net.br/principal/index.php/documentos/category/367-Per%C3%ADodo-%201917-1926>. Acesso em: 22 nov.2018.

\_\_\_\_\_. [1923b]. XXII These: Appontamentos biographicos de alguns personagens que figuraram no período histórico de 1821-1823. In: *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Pará (R-IHGP)* [Edição comemorativa da independência política do Brasil.]. Volume IV. Anos 5 e 6, 1921-1922, fascículo IV, fevereiro-março de 1923, p. 542-572. Disponível em: <http://ihgp.net.br/principal/index.php/documentos/category/367-Per%C3%ADodo-%201917-1926>. Acesso em: 26 nov.2018.

\_\_\_\_\_. [1923c]. XI These: Adesão de Maracanã á Independência. In: *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Pará (R-IHGP)* [Edição comemorativa da independência política do Brasil.]. Volume IV. Anos 5 e 6, 1921-1922, fascículo IV, fevereiro-março de 1923, p. p. 574-597. Disponível em: <http://ihgp.net.br/principal/index.php/documentos/category/367-Per%C3%ADodo-%201917-1926>. Acesso em: 25 nov.2018.

LARGO de Nazaré. *Catálogo do Instituto Brasileiro e Geográfico e Estatística IBGE*. [s.d.]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=42480&view=detalhes>. Acesso em 10mai. 2022

### | Livros |

ASSIS, Machado de. [1904] *Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 84. Localização: Acervo da Biblioteca Particular do Autor.

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

\_\_\_\_\_. [1882] "O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana". In: *Papéis Avulsos*. Obra Completa de Machado de Assis, vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Localização: Portal Domínio Público; Biblioteca Digital do MEC; Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL), da Universidade Federal de Santa Catarina. (Coleção Digital Machado de Assis). Disponível em: <http://machado.mec.gov.br>. Acesso em: 24 mai. 2022.

COSTA, Cândido Vieira da. *Livro do Centenário*. Belém: Oficinas da Typ. Guajarina de Francisco Lopes, 1924. Localização: Fundação Cultural do Estado do Pará. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Obras Raras. Acervo Digital. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/o-livro-do-centenario-alem-da-consagracao-a-independencia-politica-do-para-encerra-varias-ocorrencias-do-corrente-ano/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

CRUZ, Ernesto. *Noções de História do Pará*. [s.l.]: Livraria Internacional, 1937. Localização: Fundação Cultural do Estado do Pará. Biblioteca Pública Arthur Vianna. Obras Raras. Acervo Digital. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/nocoas-de-historia-do-para/>. Acesso em: 26 mai. 2021

MUNIZ, Palma. *Adesão do Grão Pará à Independência e outros ensaios* [Reedição da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará – ano VI, Vol. IV, 1922]. Belém (PA): Conselho Estadual de Cultura, 1973. (Coleção História do Pará. Série Barão do Guajará). Localização: Acervo da Biblioteca Central da UFPA, N°. Cham.: 981.15 M963a

MUNIZ, Palma. "Grenfell na história do Pará (1823-1824). Belém: Oficinas Graphics do Instituto Lauro Sodré, 1927. Localização: Acervo da Biblioteca Central da UFPA, N° Cham.: 981.15 M966g 1927 OR

PEREIRA DA SILVA, J.M., *História da fundação do Império Brasileiro*. Tomo VII. Rio de Janeiro: B.L. Gabnier Editor; Pariz: A. Durand e Pedone Lauriel Ediores, 1868. Localização: Obras Raras da Biblioteca do Senado. Livros Raros, Seção 4: Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/185576>. Acesso em: 24 mai. 2022.

VERÍSSIMO, José. [1894]. O Romance naturalista no Brasil ("Hortência"). Estudos Brasileiros, 2ª série, 1894, p. 23-31. In: ROCQUE, Carlos. *Antologia da Cultura Amazônica*. Vol. II, Artigos e Crônicas – Ensaios e Críticas. Belém: Amazônia Edições Culturais LTDA. (AMADA), 1971, p. 237-241. Localização: Acervo da Biblioteca Particular do Autor.

### Referências

ALEGORIA da República. Caderno de Imagens, Figura 15. In: SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. (Org.) *Dicionário da República*: 51 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BASSALO, Célia Coelho. *Art Nouveau em Belém*. Brasília, DF: IPHAN, Programa Monumenta, 2008. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/files/PDFs/Art\\_Nouveau\\_em\\_Belem.pdf](http://portal.iphan.gov.br/files/PDFs/Art_Nouveau_em_Belem.pdf). Acesso em 28 abr. 2022.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COELHO, Geraldo Mártires. *Anarquistas, demagogos e dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822*. Belém: CEJUP, 1993.

DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000;

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

DARNTON, Robert. "A história social das ideias". In: \_\_\_\_\_. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 198-224.

DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. [Coleção Oficinas da História].

DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. Tradução Napoleão Lopes Filho. Cidade do Salvador (BA): [s.n.], 1959.

FIGUEIREDO, Aldrin M. de. Memórias cartaginesas: modernismo, Antiguidade clássica e a historiografia da Independência do Brasil na Amazônia, 1823-1923. In: *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009, p. 176-195.

\_\_\_\_\_. Páginas antigas: uma introdução à leitura dos jornais paraenses, 1822-1922. In: *Margens Interdisciplinar*, v.2, n.3, 2005, p. 245-266. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/issue/view/142/showToc> . Acesso em: 26mai.2021.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.15-35.

MAFRA, Alessandra Regina e Souza. Cultura e intelectualidade na Belém nos meados do século XX: uma breve leitura a partir do Suplemento Literário d'O Estado do Pará. In: *Revista Sentidos da Cultura*, 2019, p. 29-44. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view/3239/1484>. Acesso em: 26mai.2021

MATOS, Ana Léa Nassar. *José Sidrim (1881-1969): um capítulo da biografia de Belém*. Tese (Doutorado em História). Belém: UFPA/PPHIST, 2017, p. 297.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix, 1994.

MORAES, Tarcísio Cardoso. *A engenharias da história: natureza, geografia e historiografia na Amazônia*. 148 fl. Dissertação (Mestrado em História). UFPA, Belém, 2009.

MORRISON, Allen. *The Tramways of Brazil: A 130-year survey*. New York: Bonde Press, 1989. Disponível em: <http://www.tramz.com/ttob/preface.html>. Acesso em: 26jan.2021

NOIRIEL, Gérard et al. Qu'est-ce que l'histoire événementielle? In: Le Pourquoi du comment: histoire. *Radiofrance*. Épisode du lundi 18 avril 2022. Portal da Radiofrance. Disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/le-pourquoi-du-comment-histoire/qu-est-ce-que-l-histoire-evenementielle-7184295> Acesso em: 24mai.2022.

OLAIL, Carlos. Caixa de câmbio: o sistema pouco usual do Ford T. In: *Revista O Mecânico*, 14 de jun. de 2017. Disponível em: <https://omecanico.com.br/caixa-de-cambio-do-ford-t/>. acesso em: 26 mai. 2022.

PACHECO, Rafaela Verbicaro. *A obra de José Sidrim: projetos residenciais no início do século XX em Belém PA*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). 120f. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2013.

RÊGO, Clovis Silva de Moraes. Pronunciamento de lançamento da obra "Adesão do Pará à independência e outros ensaios" de João de Palma Muniz. In: *Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará*. Belém: SECULT, 1981, Tomo XII, pp. 333-341.

## No vagão da memória: trajetórias de um intelectual na festa do centenário da Independência em Belém (1922)

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: MUNIZ, Palma. *Adesão do Pará à independência e outros ensaios*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973, [s.p.].

RICCI, Magda. Os primeiros livros didáticos republicanos de história do Pará: O patriotismo e a construção da memória. In: HENRIQUE, M.C. (Org.). *Diálogos entre História e Educação*. Belém: Editora Açai, 2014. p. 13-33.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)*. 3 ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

\_\_\_\_\_. Riqueza, tributos e mercado de trabalho em Belém (1890-1910). In: FIGUEIREDO, Aldrin M. de; ALVES, Moema de Bacelar. *Tesouros da Memória: história e patrimônio no Grão-Pará*. Belém: Ministério da Fazenda – Gerência Regional de Administração no Pará; Museu de Arte de Belém, 2009, p. 181-191.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação à edição brasileira: por uma historiografia da reflexão. In: BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.7-12.

STARLING, Heloisa Murgel. Letrados e República no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz; SATRLING, Heloisa Murgel. *Dicionário da República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 192-197.

TOCANTINS, Leandro. *Amazônia: natureza, homem e tempo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1982.

TORII, Leonardo da Silva. *O guardião da memória do estado do Pará: acesso à informação e política na criação do arquivo público do estado do Pará (1894-1906)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia). Belém, UFPA, 2016. Disponível em: <https://pphist.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/DISSERTA%C3%87%C3%83O%202017%20Leonardo%20Torii.pdf> . Acesso: 19 mai. 2022.

WANDERLEY, Andrea C.T. Hoje, há 100 anos: III - A eleição de Artur Bernardes e a derrota de Nilo Peçanha. In: *Portal Brasileira Fotográfica, Série 1922*. [2022]. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=serie-1922> Acesso em: 24 mai. 2022.

Texto recebido em: 23/01/2023  
Texto aprovado em: 01/06/2023